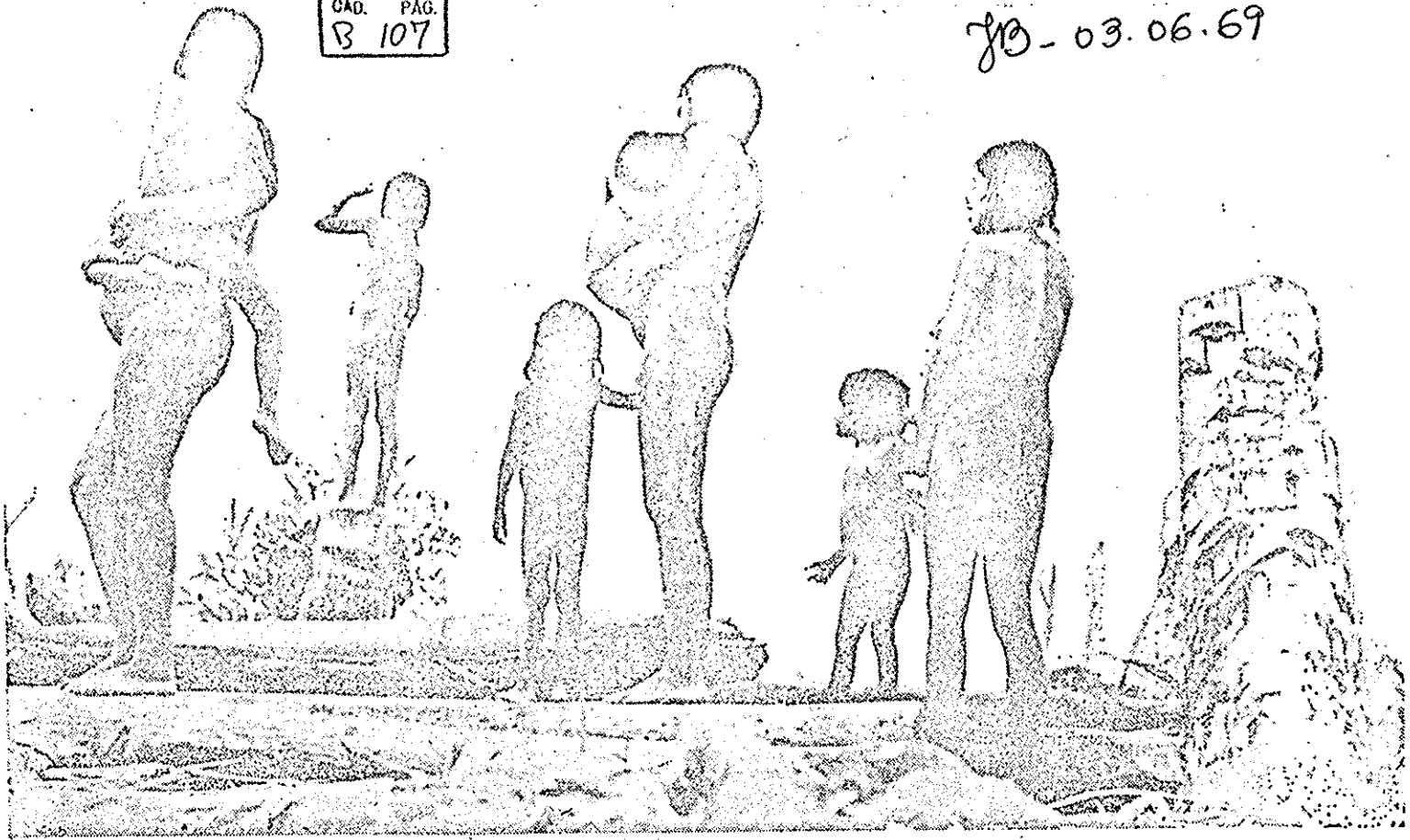


00365

JB  
ANO MES DIA  
6/10/69  
CAD. PAG.  
B 107

TPR00018 00366  
JB-03.06.69

Antropófagos, mas nem por isso insensíveis à pacificação, os índios beijo-de-pau recebem agora uma expedição que tentará civilizá-los e disciplinar a utilização e venda de suas terras. Organizada pela Fundação Nacional do Índio, a expedição que atingiu a margem esquerda do rio Arinos, a 600 quilômetros de Cuiabá, encontrou índios curiosos da indumentária e hábitos dos brancos, desconfiados das suas intenções. A partir de hoje, toda a expedição será detalhada, em série de reportagens.



A PACIFICAÇÃO DOS BEIÇO-DE-PAU (I)  
de TARCÍSIO BALTAR e RUBENS BARBOSA  
(Enviados especiais do JB)

# CANIBAIS QUE GOSTAM DE CONVERSAR

Dos hábitos exóticos dos beijo-de-pau, além da antropofagia, estão os adereços que usam nos lábios (os homens) e nas orelhas (as mulheres). Isolados, falam uma língua ainda não catalogada nos cinco grupos linguísticos dos índios brasileiros



Oito horas da noite de segunda-feira, 19 de maio de 1969. Na margem esquerda do rio Arinos, a cerca de 600 quilômetros de Cuiabá, um garoto índio da tribo dos beijo-de-pau se aproxima de seis homens brancos e os apalpa para identificar.

Dois dias depois, o mesmo menino, de uns 10 anos, sentindo a amistosidade daqueles civilizados, faz carinho no rosto de todos eles. Sua conduta não causa estranheza aos companheiros da tribo. É que os beijo-de-pau, índios antropófagos, na era da comunicação visual ainda fazem do contacto físico seu principal meio de informação e sua maneira de externar sentimentos.

### Expedição pacificadora

A Fundação Nacional do Índio — Funai — está tentando atualmente a pacificação dos beijo-de-pau. Daí a expedição que enviou no mês passado às suas terras, localizadas à margem esquerda do rio Arinos, entre a latitude de 12° a 13° 15' e a longitude de 58° a 59° 30', no Estado do Mato Grosso. Um funcionário efetivo da Funai, um indianista alemão, cinco trabalhadores contratados, a mulher e a filha de um destes, além de seis jornalistas brasileiros e um francês, tomavam parte na expedição.

Esta nova tentativa de pacificar os beijo-de-pau tem uma razão de ser: sua área de moradia, caça e pesca, de aproximadamente 1200 mil hectares, está dentro da chamada Amazônia legal. Foi a própria incrementação ao desenvolvimento da região pela Sudam que levou a Funai a tal empreendimento. Tudo porque muitas terras dos índios já foram adquiridas por investidores em busca dos incentivos fiscais. Vendidas de branco para branco, como se os selvagens não existissem e não tivessem o direito de continuar habitando a área em que vivem há muitos séculos.

Para evitar a continuação dos negócios com as terras alheias, o Governo federal tratou de desapropriar todos os 1200 mil hectares. E a Funai organizou a expedição, que tem como uma das principais tarefas verificar quantos hectares da área são realmente necessários para a sobrevivência da tribo. Isto após os índios aprenderem o cultivo de frutas, vegetais e cereais e a criarem animais domésticos para o corte, quando então as terras excedentes serão liberadas para os civilizados.

### Os simpáticos canibais

Durante nove dias os sete jornalistas acompanharam o trabalho de pacificação, convivendo diariamente com os canibais, a quem ensinaram a chutar uma bola e de quem receberam presentes. Por todo esse período, de 19 a 28 de maio, os índios e civilizados caçaram e pescaram juntos, cantaram músicas e brincaram até de roda, sempre curiosos em observar os costumes de cada um dos dois grupos. Os índios, por paradoxal que pareça, eram os mais afáveis, pois sem nenhuma censura social que os impedisse de externar seus sentimentos e observações, iam a valer das características físicas dos brancos: barba, pelos no tórax, cabelos ondulados, etc. Daí a conduta do garoto índio e de muitos outros homens e mulheres da tribo, que só tinham uma maneira de saber qual o sexo de seus novos amigos — apalpando ou olhando o baixo ventre.

Para se saber como foram possíveis os contactos com os selvagens é necessário contar que eles já apareciam desde março na sede da fazenda ABC, onde vinham em busca de facões e outros instrumentos de trabalho. Aquelas terras haviam sido adquiridas por um grupo paulista desejoso de usufruir dos incentivos proporcionados pela Sudam. Só que os empresários trataram apenas de garantir a posse da área, mandando para lá, em dezembro,

quatro de seus funcionários, que passaram a dar tudo que os índios pediam, com medo de os desgostarem e serem mortos.

Veio então a desapropriação das terras e os problemas sejam logo resolvidos e liberadas as áreas desnecessárias aos índios, deram todo o apoio à expedição da Funai. Mesmo sem mais a posse e o domínio dos milhares de hectares de terras adquiridas, deixaram com a Fundação todas as benfeitorias: quatro cabanas, um barco com motor de pópa, os remédios, um aparelho de rádio transmissor-receptor e um gerador para fazer funcionar. Foram cedidos também à Funai, que os contratou, os quatro empregados: João, operador do rádio e responsável pela cabana dos mantimentos e sua esposa, Adão, José e seu filho Mário, todos trabalhadores braçais. Com eles residem a mulher e a filha de João, dona Edna e Francisquinha.

Limitou-se, assim, a expedição, em sua partida de Cuiabá, ao sertanista João Américo Peret, seu chefe, a Pará, o motorista do barco, e a Fritz, o indianista alemão que vive há muitos anos ao lado dos índios canoeiros. Depois é que os jornalistas seguiram. E no mesmo dia de sua chegada já foram travando amizade com os selvagens, inicialmente apenas curiosos e desconfiados, mas logo após afáveis e brincalhões, sempre procurando conversar por gestos, já que sua língua ainda não foi sequer identificada como pertencente a qualquer um dos cinco grupos linguísticos dos índios brasileiros.

### Beijo-de-pau

Os índios beijo-de-pau são assim chamados pelos civilizados em razão do pedaço de madeira que os homens da tribo usam entre o lábio inferior e a gengiva. Para tanto, eles, na adolescência, dão um corte um pouco abaixo da boca e introduzem ali o pedaço de pau, trabalhado e formando uma circunferência. E é em torno desta madeira que fica seu lábio. De início a madeira é pequena, mas depois, com o relaxamento da pele, músculos e nervos do beijo, eles introduzem madeiras maiores, de até três centímetros de raio.

Fazem a mesma coisa com a parte inferior da orelha. No entanto, só as mulheres usam permanentemente este adorno. Os rapazes e velhos raramente. Sabe-se de tal prática porque eles têm um grande buraco redondo de cerca de um centímetro de circunferência no lóbulo do aparelho auditivo.

São muito bonitos os beijo-de-pau. Os homens não têm menos de 1,70m e seu físico é muito bom. As mulheres, quando adolescentes, também são belas. Depois vão tendo filhos e ainda jovens ficam barrigudas, com os dentes estragados e os seios caídos. Mas tanto uns como os outros demonstram muita jovialidade em qualquer idade que tenham. Fizeram logo questão de se comunicar com os estranhos que foram em sua procura. Trocaram sorrisos e hultaram os gestos dos civilizados, sempre comentando alguma coisa entre si, provavelmente em tom de gozação, pois as gargalhadas eram muitas.

### Diplomatas da paz

Apesar de todo o sucesso nesses contactos iniciais, há ainda muitas dúvidas sobre se o trabalho da expedição chegará a bom termo. O sertanista João Américo Peret acredita que os 30 índios que apareceram ultimamente na sede da fazenda ABC fazem parte de uma espécie de missão diplomática que veio verificar se é possível a pacificação e a convivência com o homem branco.

Os índios têm razões de sobra para pensar desta maneira e achar mesmo que os pacíficos são eles, que nunca agrediram os civilizados sem antes serem agredidos ou terem seu território invadido. Os beijo-de-pau, vistos pela primeira vez há cerca de 20 anos, não foram bem sucedidos em contactos anteriores com os homens brancos. Há 15 anos, por exemplo, os capangas de Benedito Bruno, ex-Prefei-

to já falecido do município mato-grossense de Diamantina, lhes doaram arsênico misturado com açúcar.

O que Benedito Bruno, grande latifundiário, queria era a terra dos selvagens. Fez então uma primeira doação de açúcar puro, que os índios devem ter apreciado muito. Tanto assim que recolheram imediatamente a segunda oferta, deixada, como a outra, numa ilha do rio Arinos. O ato genicida foi muito comentado na época pelos seus responsáveis, que falavam abertamente no caso. Os índios ainda hoje relembram o morticínio, razão pela qual repelem qualquer alimento adoçado.

Em 1959, Fritz Toksdorf, o indianista alemão que faz parte da expedição, foi contratado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), hoje substituído pela Funai, para verificar como iam as coisas nos primeiros 300 quilômetros da margem esquerda do Arinos. É que aquela área estava sendo negociada pelo Governo do Mato Grosso a particulares. Por conta disso, muitos acrimosores estavam trabalhando na região e havia notícias do incidente entre eles e os índios.

Fritz seguiu para sua zona de tarefa, chegando a encontrar, à margem do rio, dois beijo-de-pau adultos e três crianças, que aceitaram um facão e outros instrumentos de trabalho a título de presente. Quando o alemão tentava, por sinais, chegar mais próximo dos selvagens, um caçador perdido deu um tiro na floresta, afugentando-os. Tal fato aconteceu um pouco depois do envenenamento com arsênico e a oportunidade de um novo contato que seria providencial estava perdida. Dias após, Fritz era avisado pelo SPI, que seu trabalho, por falta de verbas, não podia prosseguir.

Daí até 1967 houve apenas reencontros rápidos, com os índios flechando os poucos barcos que trafegavam pelo rio Arinos e matando os poucos caçadores que se aventuravam por sua área. Naquele ano, o alemão surgiu em cena novamente. Ele estava então cuidando da pacificação dos índios canoeiros, que vivem às margens do rio Juruena, em região próxima à dos beijo-de-pau. Navega, por isso, pelo Arinos, quando notou índios escondidos em meio à folhagem. Jogou um facão para eles, uma nova oferta de presentes, recebendo em troca uma saravada de flechas que ficaram cravadas na embarcação. Até hoje Fritz não sabe se aquilo foi uma troca de presentes, com os índios ofertando suas armas, ou se era mesmo um ataque para valer.

### O sacerdote afoito

Também em 1967, padre Alberto, salesiano de Diamantina, tentou a pacificação dos beijo-de-pau. Ele seguiu para o Arinos em companhia de dois índios civilizados, contratados para ajudá-lo na tarefa. Mas o padre foi muito precipitado: marchou direto rumo a uma das 11 aldeias da tribo, que deve ter uma população de cerca de mil pessoas, segundo cálculo do sertanista Américo Peret, que sobrevoou as matocas e verificou a quantidade de roçados. Acontece que os selvagens estranharam a afoiteza do sacerdote e flecharam-no nas costas quando ele atravessava o rio a nado, numa rápida fuga.

No fim daquele mesmo ano, os ocupantes da lancha de uma empresa colonizadora, que trafega pelo Arinos de sua cabeceira até o município de Pôrto dos Gaúchos, viram os índios aparecerem desarmados e com mulheres e crianças, sinal de que não queriam luta, mas sim um contato pacífico. Cândido, o comandante da embarcação, índio de uma tribo já pacificada, foi até a margem, com seu ajudante, Araci, e deram farinha de mandioca aos selvagens.

Com esse encontro não comprovado que pelo menos uma parcela dos beijo-de-pau querem paz. Outros do mesmo tipo se sucederam. E a missão pacificadora foi para lá, aproveitando a demonstração de boa vontade dos índios. Só que pacificar é o mínimo. O importante é deixar os selvagens como eles realmente são, não aculturando-os na tentativa de impor uma cultura que não é deles e que os faz perder até o gosto pela vida, como aconteceu com os bororos, hoje uma tribo em extinção, composta de homens que deixaram de ser índios, mas não são civilizados.

00367

00368